

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

ADRIANA DA ROSA FREZZATO

**DESFRALDE:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE**

CAMPINAS

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

ADRIANA DA ROSA FREZZATO

**DESFRALDE:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Educação de Crianças e Pedagogia da Infância.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Guarnieri de Campos Tebet

CAMPINAS

2019

Dedico esse trabalho à minha família, ao meu namorado Sérgio e às minhas colegas de trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças.

À minha família que é meu alicerce.

Ao meu namorado Sérgio pelo apoio e paciência durante todo esse processo de escrita.

À minha Professora e orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, pelo apoio.

E a todas as colegas de trabalho que até aqui me ajudaram, com palavras de estímulos.

Leve na sua memória para o resto de sua vida, as coisas boas que surgiram no meio das dificuldades. Elas serão uma prova de sua capacidade em vencer as provas e lhe darão confiança na presença divina, que nos auxilia em qualquer situação, em qualquer tempo, diante de qualquer obstáculo.

Chico Xavier

## **RESUMO**

O presente trabalho objetiva ampliar a discussão do processo de desfralde no contexto da Educação Infantil, em parceria com as famílias, que consiste na retirada de fralda até a aquisição de autonomia no uso do vaso sanitário e/ou penico. Enquanto professora de Educação Infantil, na creche da DEdIC-Unicamp, a experiência vivenciada em situações de prática, com diferentes grupos de crianças em anos letivos distintos, é relatada e provoca dúvidas e reflexões quanto aos métodos possíveis e a idade para início do processo. Abordo o tema do desfralde à luz das ideias dos teóricos utilizados para essa pesquisa, considerando as diferenças culturais de alguns países.

**Palavras-chave:** Desfralde. Treino de Bacio. Esfincter

## **ABSTRACT**

This paper aims to broaden the discussion of the process of ceasing use of diapers in the context of preschool education, in partnership with families, which consists in the removal of diapers. As a preschool teacher at DEdIC-Unicamp, the experience in practical situations with different groups of children in different school years is reported and raises questions and reflections about the possible methods and the age for the beginning of the process. I approach the theme of ceasing to use diapers taking into account the theories of the authors referenced on this paper, considering the cultural differences of some countries.

**Key Words:** Ceasing use of diapers. Toilet Training. Sphincter

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
METODOLOGIA.....	10
CAPÍTULO I - DISCUSSÃO DO CONTROLE DE ESFÍNCTER AO REDOR DO MUNDO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	11
CAPÍTULO II - O LUGAR DO CUIDADO NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	13
CAPÍTULO III - CONTEXTUALIZAÇÃO DA DEdIC.....	15
CAPÍTULO IV - EXPERIÊNCIAS DE DESFRALDE.....	17
CAPÍTULO V – ANÁLISE DOS EPISÓDIOS.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva contribuir para a discussão do processo usualmente denominado de desfralde no contexto da Educação Infantil, que consiste na prática, de acordo com a observação sobre o desenvolvimento físico e emocional da criança, de auxiliá-la, em parceria com a família, no processo de retirada da fralda, eliminando, paulatinamente, o seu uso. Para tanto, utiliza-se no texto a escrita de dúvidas, reflexões e apontamentos que surgiram no decorrer de experiências enquanto professora de Educação Infantil, atuando em turmas de maternal I e II (que correspondem à faixa etária aproximadamente dos dois anos de vida), em especial, na creche da DEdIC-Unicamp, onde atuo desde 2014, sendo o local em que vivenciei o processo de desfralde com o maior número de crianças e que despertou o questionamento: qual seria a idade certa para o desfralde?

Após alguns anos trabalhando com a faixa etária de pré-escola (entre 4 e 6 anos), no qual as crianças já utilizavam o banheiro com autonomia, assumi uma turma de maternal (2 anos e 6 meses, aproximadamente). Era uma nova experiência, pois, devido a idade que me foi atribuída na época, de acordo com as vivências anteriores de meu percurso profissional, imaginei que já seriam crianças desfraldadas.

Foi um grande desafio! Não havia cogitado a possibilidade do desfralde fazer parte do projeto, porém, foi preciso repensar, já que compreendo que sendo uma prática fundamental para o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança precisa ser inserido na proposta pedagógica. Assim, juntamente com jogos para idade, cantinhos, brinquedos e afins, a retirada de fraldas precisava ser planejada.

No contexto da creche Universitária, ainda não acontecia o processo de atribuição, as escolhas de turmas para cada professora eram realizadas pela coordenação de cada Unidade. Não havia reunião de apresentação para as famílias antes do início do ano letivo, fato que colaborava para com que o primeiro dia letivo ficasse conturbado, pois as crianças e os pais só eram apresentados para as professoras no primeiro dia de aula. Nessas circunstâncias ficava difícil conversar com tranquilidade com os pais para saber as especificidades de cada criança. Considero esse diálogo fundamental, pois auxilia no acolhimento das crianças e na adaptação da turma como um todo. Em nossas reuniões pedagógicas durante todos os anos, esse momento de acolhida das famílias era pauta, o

grupo de professores discutia com a gestão uma forma de incluir no calendário uma maneira diferente de fazermos a primeira reunião de pais, a fim de melhorar este processo.

Em meados de 2016, foi realizada a primeira reunião com as famílias sem as crianças. Um momento de escuta e apresentação dos espaços, de conhecer o grupo e suas especificidades. Assim, no primeiro dia todos já estariam situados, inclusive as professoras teriam a informação de que aquele grupo ainda não havia iniciado o desfralde. Essa mudança influenciou positivamente na adaptação e no desfralde das crianças, pois foi possível preparar melhor o espaço para esse momento.

Com o intuito de fazer a pesquisa, tive que recorrer a artigos encontrados no Google Acadêmico, em sites com conteúdo acadêmico como Scielo e outros textos disponibilizados pela minha orientadora. Por saber que se tratava de uma temática pouco explorada em pesquisas acadêmicas, já imaginava os desafios da pesquisa. Os autores que nortearam este trabalho foram Maranhão (2000), Mota & Barros (2008) e Pereira (2010).

Para melhor organização, o trabalho foi dividido em 05 Capítulos. No primeiro capítulo apresento brevemente uma discussão sobre a compreensão do processo de controle do esfíncter ao redor do mundo. No segundo, volto o olhar para o currículo da Educação Brasileira objetivando discutir o lugar do corpo no mesmo. Já no capítulo seguinte, procuro contextualizar o lugar de onde falo, trazendo um resumo da história da DEdIC e das características desse espaço, para a partir daí conseguir narrar, no quarto capítulo, as experiências vividas com os grupos de crianças em processo de desfralde. Por fim, o quinto capítulo é destinado a discutir teoricamente os episódios, buscando os autores já citados para auxiliar a análise.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho teve como metodologia a pesquisa-ação, pois, de acordo com autores que trabalham a partir de tal perspectiva,

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa (KEMMIS, S.; MCTAGGART, R. 1988, p. 55).

Assim, embora a elaboração deste trabalho tenha ocorrido de maneira individual, o tema do desfralde faz parte do cotidiano profissional da creche, compondo pautas de reuniões pedagógicas, atividades com as famílias, o que possibilita pensar em uma autorreflexão coletiva empreendida na instituição, conforme destacam os autores. Porém, o mais importante do conceito reside no fato de que a pesquisa-ação possibilita que o professor reflita sobre sua própria prática, e busque, entre seus pares e também com outros autores que trabalham com a mesma temática, o diálogo na tentativa de repensar e aprimorar seu trabalho.

Para a pesquisa, foram elaborados pequenos textos que foram denominados de “episódios” que consistiram em narrativas práticas ocorridas no cotidiano da creche que mostram situações de treino, desfralde ou outras experiências relacionadas a este processo.

O recorte temporal da pesquisa ocorreu entre meados de 2015 a 2016, pois foi o período em que atuei com as turmas de maternal aqui descritas.

## **CAPÍTULO I - DISCUSSÃO DO CONTROLE DE ESFÍNCTER AO REDOR DO MUNDO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.**

O processo de desfralde tem um fator predominantemente cultural, onde cada país inicia em faixas etárias distintas, começando com o treinamento do esfíncter<sup>1</sup> a partir de 2 semanas até os 03 anos. Em constantes pesquisas de sites e artigos sobre essa temática, foram encontrados alguns dados para tal afirmação.

Cada país possui a sua cultura em relação ao treinamento do controle de esfíncter, com métodos e expectativas distintas para o momento em que se deve iniciá-lo. Na África, principalmente nas regiões que possuem pouco desenvolvimento econômico, os bebês de algumas aldeias não usam fraldas. Como fator cultural eles começam com o chamado treinamento de eliminações precoce.

Este método inicia-se nas primeiras semanas de vida, utilizando uma estratégia de observação dos sinais eminentes das eliminações do bebê. Após o reconhecimento destes sinais pela mãe (ou cuidador), o bebê é colocado no penico para evacuar ou urinar, no colo da mãe (MOTA & BARROS, 2008, p. 11).

Algumas comunidades da América do Sul, da América Central, de algumas partes da Europa e de países como a Índia e a China também utilizam esse método com os seus bebês.

No texto “Qualidade do Atendimento na Educação Infantil: um estudo em duas culturas”, Kude (2004) traz sua pesquisa realizada para investigar a Educação Infantil em instituições brasileiras e norte americanas.

No que se refere à especificidade da Higiene, Kude (2004) afirma que no Brasil a aprendizagem do controle de esfíncter é valorizada pelas professoras e pelas mães, mais do que os cuidados básicos, como por exemplo: lavar as mãos com frequência. Já nos Estados Unidos a preocupação maior é com a Higiene como uma maneira de preservação da saúde, sendo que lá as crianças lavam as mãos com frequência. Segundo Maranhão (2000)

as ações de cuidado com a saúde podem ser priorizadas e organizadas de acordo com diferentes concepções sobre o processo saúde-doença, sobre o desenvolvimento humano e de acordo com o contexto socio cultural. (p. 116).

---

<sup>1</sup> Segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, o Esfíncter é definido como: s.m. Anatomia. Músculo anular, que serve para abrir e fechar ductos, orifícios ou canais naturais: o esfíncter da bexiga.

Dessa forma, não necessariamente o desfralde seja a nossa “bandeira” no âmbito de higiene, sendo as concepções de cada educador e da família.

No Brasil, a idade média de desfralde é entre os 24 a 30 meses, mas não é uma regra. Ele depende de uma série de fatores, que vão desde a condição socioeconômica, as tradições familiares, o contexto cultural e até mesmo o clima, entre outros. De acordo com a pediatra Mariane Cordeiro Alves Franco, presidente do Departamento Científico de Pediatria Ambulatorial da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), que concedeu entrevista sobre o tema à Mari Marinaro:

antes dos 2 anos de vida o corpo da criança não está desenvolvido o suficiente para controlar sua vontade de fazer xixi ou cocô, portanto o uso da fralda é necessário. Contudo, a partir de 1 ano e meio já é possível começar o processo do desfralde diurno, que, leva, pelo menos, seis meses. Para tudo dar certo e correr bem, paciência é imprescindível e dar bronca, inadmissível (FRANCO *apud* MARINARO, 2017, p. 1)

Vale ainda destacar que o processo de desfralde no âmbito familiar é diferente do processo ocorrido dentro da creche, embora, quando a criança está matriculada em uma instituição, ambos devam ocorrer em concomitância para que a criança vivencie este período de maneira mais tranquila e segura. Alguns autores fazem crítica a essa questão, dizendo que o desfralde seria incumbência da família. De acordo com Franco (*apud* MARINARO, 2017) “Não cabe à escola essa tarefa. Não é um processo pedagógico. A escola pode e deve apoiar os pais. Mas são os pais que devem assumir o compromisso de tirar a fralda da criança”. (p. 1).

Embora haja esta discussão sobre a retirada de fraldas ocorrer no âmbito familiar, vale a ressalva de que hoje muitas crianças passam praticamente todo o dia no contexto da educação infantil. No caso aqui relatado, por exemplo, que apresenta a realidade da DEdIC, as crianças permanecem na creche das 8h30 às 17h30, passando, portanto, praticamente todo o seu dia na escola. Assim, como não pensar e atuar junto a ela no processo de retirada de fraldas?

## **CAPÍTULO II - O LUGAR DO CUIDADO NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.**

A Educação Infantil no Brasil, torna-se dever do Estado em 1988 com a Constituição Federal, que determina o atendimento gratuito de 0 a 6 anos, como prevê no Art. 205 da Constituição:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação (BRASIL, 1988).

Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, a Educação Infantil passa a ser a parte da Educação Básica, assim como o Ensino Fundamental e Médio. A partir de 2006 com alteração da LDB o atendimento da Educação Infantil passa a ser de 0 a 5 anos de idade, antecipando o Ensino Fundamental para a partir dos 06 anos.

Apesar de ser reconhecida, na Constituição de 1988, como sendo dever do Estado proporcionar o atendimento para a criança de 0 a 5 na Educação Infantil, com a Emenda nº 59/2009 a obrigatoriedade de ensino é apenas a partir dos 4 anos, indo até os 17 anos, compreendendo então, apenas as modalidades de pré-escola.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da DEdIC é possível observar respeito e coerência com os documentos oficiais específicos da Educação Infantil no Brasil, ao apontar a dimensão do “cuidado-educação” como sendo indissociáveis

Considerando todo o arcabouço normativo, político e pedagógico (produção de conhecimento técnico-acadêmico) da área específica da educação infantil no Brasil, faz-se importante apontar que a dimensão do “cuidado-educação” é indissociável e, nessa perspectiva, o trabalho pedagógico oportunizado na DEdIC vai ao encontro dessa abordagem. (DEDIC, p. 27, 2017)

Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem: - A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo; (BRASIL, p. 19, 2010)

- A indivisibilidade das dimensões expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança; (BRASIL, p. 19, 2010)

- A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização; (BRASIL, p. 19, 2010).

Compreendemos assim que os momentos da rotina mais voltadas ao cuidado e higiene, embora muitas vezes sejam aspectos menosprezados, fazem parte do currículo da Educação Infantil e possuem uma importância imprescindível para o desenvolvimento e socialização dos bebês e crianças. Importante frisar que os cuidados são direitos assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e da Constituição Federal (1988).

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

Nessa perspectiva, podemos apontar a fase do desfralde como parte desse cuidado educativo, uma vez que conhecer o próprio corpo, seu funcionamento e como cuidar de si autonomamente nos cuidados básicos é um dos aspectos para o desenvolvimento integral previstos na Constituição e referendado no documento da Base Nacional Comum Curricular, no caderno 3, que é o material mais recente publicizado pelo Ministério da Educação e que apresenta, em forma de Lei, as bases norteadoras para a construção do currículo na Educação Infantil. A Etapa da Educação Infantil, como um dos 6 principais Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil,

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidado, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2017, p. 38).

Ainda citando a BNCC, no campo de experiências “O eu, o outro e o nós”, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado através da participação das relações sociais e de cuidados pessoais, isto é, quando a criança consegue ir até o vaso sanitário, se limpar, dar a descarga, se vestir, sendo um momento de construção de sua autonomia, compartilhando conhecimento entre criança/criança e criança/adulto.

### CAPÍTULO III- CONTEXTUALIZAÇÃO DA DEDIC

A Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) possui 03 creches espalhadas pelo Campus Campinas e 01 em Piracicaba, na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), com atendimento para bebês e crianças de 06 meses a 05 anos de idade. Além do acolhimento das crianças da Educação Infantil, o Campus de Campinas possui uma outra unidade na qual oferece Educação Não-Formal, para crianças de 06 a 14 anos, no contraturno do Ensino Fundamental.

No Campus de Campinas, as 04 unidades são denominadas e estão localizadas em: Centro de Convivência Infantil (CECI) Integral – Convivência I<sup>2</sup>, situada em frente à Faculdade de Alimentos (FEA); CECI Integral - Convivência II e III<sup>3</sup>, localizada próximo ao Hospital das Clínicas (HC); CECI Parcial (Convivência I, II e III) e o Programa de Desenvolvimento e Integração da Criança e do Adolescente (PRODECAD), ambos situados em frente ao Centro de Hematologia e Hemoterapia (HEMOCENTRO). Já no Campus de Piracicaba existe apenas uma unidade atendendo Convivência I, II e III, atendendo em modalidade multietária.

As creches têm um marco histórico, elas foram conquistadas pela luta das mães trabalhadoras da Universidade, que não tinham lugar para deixar seus filhos para conseguirem exercer a sua função profissional. A primeira creche universitária da UNICAMP foi inaugurada em 1970, na Faculdade de Odontologia de Piracicaba, com atendimento das 08h às 17h30. Em 1982, o Campus da UNICAMP de Campinas inicia provisoriamente o CECI Integral, em uma casa alugada, na qual se atendia 30 bebês. Apenas em 1983 é que ela é oficialmente estabelecida. O atendimento até 2015 funcionava das 07h00 às 19h00, com turmas multietárias, nas quais havia grupos de 30 e 40 horas (07h00 às 13h00; 07h00 às 16h00; 08h30 às 17h30; 13h00 às 19h00), atualmente é das 08h30 às 17h30.

O PRODECAD originou-se a partir da parceria entre a UNICAMP, o Instituto de Reabilitação de Campinas (IRCAMP)) e o Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo (FUSSESP) (). Em meados de 1988, inicia-se o subprograma da Pré-Escola, oferecido pelo convênio firmado entre a UNICAMP e a Prefeitura de Campinas, com durabilidade até o final de 2009. Com o fim da parceria, a Pré-Escola passa a ser oferecida

---

<sup>2</sup> Convivência I - atende bebês até 18 meses.

<sup>3</sup> Convivência II e III - atende crianças de 19 meses até 5 anos e 11 meses.

pelo Ceci Integral a partir de 2010. O atendimento atualmente desse espaço de Educação Não-Formal é das 08h30 às 19h15, com turmas parciais (08h30 às 12h40 e das 11h30 às 16h) e os intermediários (11h30 às 13h30 e das 17h10 às 19h15), sendo contra turnos da Escola Estadual Físico Sérgio Pereira Porto, também localizada no Campus.

Em 1990 é iniciada a creche do CECI Parcial (anteriormente nomeada como Creche da Área da Saúde (CAS). Essa unidade foi criada para atender filhos de funcionários da Área da Saúde, com carga horária de 12 horas. Entre 2016 a 2018 o atendimento era apenas de turmas de 30 horas semanais, porém atualmente, ela possui turmas de 30 horas e de 40 horas semanais (07h00 às 13h00; 07h00 às 16h00; 13h00 às 19h00),

As nomenclaturas de espaços foram modificadas em decorrência das trocas de gestão, que acontece a cada 04 anos com a mudança de Reitor, elas fazem as mudanças da maneira que acham necessário para a DEDIC.

## **CAPÍTULO IV- EXPERIÊNCIAS DE DESFRALDE**

Nesse capítulo serão relatados alguns episódios, a respeito do processo de desfralde, que vivenciei no decorrer de minha experiência profissional na Educação Infantil. Por meio deles, tenho como objetivo analisar as melhores formas de agir durante esse percurso e refletir se existe uma idade certa para iniciá-lo ou não.

Abaixo relatarei alguns episódios, que eu presenciei no processo do desfralde, que me fez refletir e me questionar se existe a idade certa ou não. Tendo o objetivo para melhor reflexão sobre esse processo, e pretendendo analisar as melhores formas de agir nesse percurso.

### Episódio 1 (2015)

No primeiro dia letivo, na sala de maternal II, as famílias iam chegando alvoroçadas e as crianças todas inseguras, pois para eles tudo era novo: a sala, a professora e alguns amigos ingressantes. Não conseguimos trocar quase nenhuma palavra com as famílias naquele momento de entrada e acolhimento das crianças. Ao acabar de recebê-las, nos deparamos com as 12 crianças, que estavam entre 26 a 30 meses, usando fraldas. Isso foi muito intrigante e nos fez pensar e questionar: Por que estão de fraldas? Já não teriam idade para estar desfraldadas?

Sem entender o que de fato estava acontecendo, perguntei para a minha parceira (são duas professoras por turma) se eu estava errada em achar que as crianças dessa idade já não deveriam estar utilizando fraldas. Ela me explicou que as professoras do ano anterior acreditavam que as crianças teriam que ser desfraldadas no próximo ano e que também não concordava com essa decisão das colegas de profissão.

O primeiro passo que decidimos tomar foi abordar o tema do desfralde com as crianças nos momentos de roda de conversa. Apresentamos o penico e fizemos a leitura do livro “O que tem dentro da sua fralda?”, escrito por Guido Van Genechten, traduzido por Vânia Maria A. de Lange e publicado pela Editora Brinque Book, que relata a história de um ratinho interessado em saber o que tem nas fraldas dos seus amigos coelho, cabrita, cachorrinho, bezerro, potrinho e porquinho. Quando as abas das fraldas são abertas, os leitores encontram diferentes tipos de cocôs. Quando terminam de mostrar o conteúdo de suas fraldas, os amigos perguntam para o ratinho o que tem na fralda dele, ele orgulhosamente a abre e todos observam surpresos que não tem nada! Os animais ficam

curiosos e o ratinho explica que usa penico para fazer suas necessidades fisiológicas. Nas duas últimas páginas do livro, todos os animais aparecem sentados em um penico. Todas as vezes que realizávamos a contação dessa história, convidávamos uma criança por vez para abrir a fralda de cada animal e elas davam muitas gargalhadas.

Na mesma semana, conversamos com os pais na saída, sobre o que eles achavam de começar o desfralde com os seus filhos. Todos responderam que já havia passado da hora - uma mãe, inclusive, ressaltou que havia sido advertida pelo pediatra por não ter realizado o desfralde ainda. O combinado foi que esperaríamos passar o período de adaptação e o encerramento dos momentos de visita (os pais tinham um espaço na rotina para que pudessem visitar os seus filhos na creche, no período das 11h30 às 12h30) para começarmos o processo. Para tal, pedimos para que eles enviassem roupas, calcinhas e cuecas suficientes para o dia-a-dia.

Explicamos como seriam os procedimentos e que precisaríamos da contribuição e parceria deles para realizarmos o desfralde, pois os dois lados precisam agir em conjunto para que os resultados sejam positivos.

Como as crianças já demonstravam incômodo quando realizavam suas necessidades fisiológicas na fralda, começamos a fazer o treinamento de esfíncter com todos, em várias etapas. A primeira parte foi o acolhimento e explicação do processo, com leituras e apresentação do penico, em sala. O segundo passo foi realizado no banheiro, conforme as crianças aceitavam, íamos ajudando-as a retirar a roupa e a fralda para se sentar no penico. O terceiro momento ocorreu depois de certo tempo, quando as crianças já estavam mais seguras, as professoras ofereciam o vaso sanitário para elas utilizarem.

Nessa turma tinha uma menina chamada Ana (nome fictício), ela era uma criança “infantilizada” pela mãe, devido a isso ela quase não falava e possuía um vocabulário um pouco escasso. Pensei pela lógica que ela seria uma das últimas a sair da fralda, pois: como ela iria comunicar que precisa ir ao banheiro? Para a minha surpresa ela foi uma das crianças que primeiro saiu da fralda, ela colocava a mão na “pepeca”, nome utilizado pela sua família para se referir à genitália feminina, para avisar as professoras quando queria ir ao banheiro. Foi, inclusive, através das orientações sobre o desfralde e de conversas diárias com a mãe, que essa criança começou a ter autonomia em várias outras coisas como: tirar a roupa, colocar o sapato, comer etc. Com o passar do tempo ela conseguiu dialogar melhor conosco e com os amigos.

Ter realizado esse processo com pessoas experientes fez a diferença nesse processo, pois como eu nunca havia trabalhado com essa faixa etária pude aprender e refletir na prática, com o auxílio das minhas colegas de profissão. Segundo Nóvoa (2009), ser professor é “compreender os sentidos de a instituição escolar integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com outros professores que se aprende a profissão.” (p.03).

#### Episódio 2 (2016)

O segundo episódio de vivências com o desfralde ocorreu no ano de 2016. As crianças da minha nova turma tinham 1 ano e 6 meses no começo do ano. Logo nos primeiros meses, a mãe de uma das meninas da turma procurou minha parceira e eu para falar que gostaria de começar o desfralde da filha - eu particularmente me surpreendi, pois achava que a menina não estaria preparada, afinal ela tinha apenas 1 ano e 9 meses, não falava sequer uma palavra e não demonstrava interesse em realizar suas necessidades fisiológicas fora da fralda. No começo eu fui contra, fiquei com medo de ser traumático para a criança, mas a mãe insistiu alegando que em casa ela já estava fazendo o processo e que a filha já fazia xixi no penico junto com a outra irmã gêmea. “a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação.” (NÓVOA, 2009, p. 03). O professor precisa fazer reflexões de suas práticas para realizar um trabalho de qualidade.

A minha parceira e eu conversamos bastante sobre esse assunto e chegamos à conclusão que poderíamos tentar para ver como seria. Caso observássemos que não estava sendo bom para a menina pensaríamos em uma nova forma de agir.

Começamos oferecendo o penico para ela todas as vezes que estava próximo da troca de fraldas, nos primeiros dias ela não obteve nenhum sucesso. Uma semana depois ela conseguiu e foi uma alegria tremenda. Após esse momento, ela evoluiu bem no desfralde, mas infelizmente ao voltar de férias, a menina retornou utilizando fraldas novamente - a justificativa da mãe foi que as filhas haviam passado esse período com a avó e por conta disso não teve como continuar. Sendo assim, tivemos que reiniciar o processo. No início, ela regrediu um pouco, ocorrendo alguns escapes. No entanto, ao começarmos o desfralde com o restante da turma, logo ela foi evoluindo novamente e acompanhando os colegas.

Nessa mesma turma havia um menino que já falava de tudo e seu vocabulário era bastante amplo. Por esse motivo, pensei que ele seria um dos primeiros a conseguir desfraldar. Doce ilusão, ele foi um dos últimos, pois não podia nem ver o penico na frente dele, que ele começava a chorar.

Fizemos um trabalho com todas as crianças, com rodas de conversa e um repertório de livros infantis que tratava dessa temática. Sempre pegávamos a fralda suja deles e falávamos vamos dar tchau para a fralda igual o ratinho, o elefantinho, entre outros animais das histórias que líamos para eles.

Em uma das leituras, tivemos a ideia de trazer o lúdico para o concreto. Após a contação da história “Um presente incrível”, escrito por Guido Van Genechten, traduzido por Camila Werner e publicado pela Editora Brinque Book, que conta a história de um elefantinho que ganha um presente extraordinário, um penico! Porém, como ele não conhecia o objeto, seus pais precisam lhe explicar que ele serve para fazer xixi e cocô. Mesmo após a explicação, ele não entende direito e com sua criatividade ele o utiliza de várias maneiras, uma delas é colocando em sua cabeça. Após a leitura, embrulhamos um penico com papel celofane e entregamos para eles, foi uma alegria e euforia para abrir o presente, pois queriam adivinhar o que tinha ali. Ao se depararem com o penico, a maioria das crianças quiseram brincar com o objeto.

Durante o processo líamos sempre os mesmos livros e modificávamos as situações, para que explorássemos de várias formas o lúdico. Uma das interações que fizemos com eles, foi de trazer um boneco, o Júlio. Apresentamos ele na roda e contamos como ele usava o penico. Levamos eles até o banheiro, mostramos o boneco tirando a fralda (Figura 1) sentando no penico e fazendo xixi - colocamos água dentro sem que eles percebessem para imitar o xixi. Em seguida, levamos o boneco segurando o penico até o vaso sanitário (Figuras 2 e 3) para ele “falar tchau” para o xixi e o ajudamos a colocar a cueca. Eles ficaram encantados e a partir daí todos aceitaram sentar-se no penico.



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Foi um processo longo de aproximadamente 05 meses, não dá para estipular tempo de desfralde, pois cada criança reage de uma forma e cada uma em seu tempo.

### Episódio 3 (2016)

Um terceiro episódio que presenciei numa turma que eu ajudava antes de receber a minha, uma sala mista de crianças de 1 a 3 anos. As mães que tinham os filhos na idade de 1 ano e 10 meses a 2 anos cobravam que as professoras comessem o desfralde dos seus filhos. As profissionais sempre dialogavam com elas no intuito de acalmá-las, falando que no segundo semestre iriam começar o processo, o que de fato aconteceu. Observando o método que elas utilizavam, observei ser um pouco diferente do que eu já havia presenciado. Elas começaram com 3 crianças de cada vez - marcavam uma reunião

com as famílias e perguntavam se elas queriam iniciar o processo. As crianças das famílias que aceitavam já começavam retirando a fralda algumas vezes ao dia. Essa maneira também deu certo.

Em uma dessas reuniões individuais, uma das mães não aceitou. Ele era um menino que já tinha 2 anos e meio. Na opinião da mãe, ela achava que era precoce e que seu filho não estava preparado psicologicamente. Pelo olhar das professoras ele já estava preparado - inclusive antes da conversa com a progenitora, a criança pedia para fazer xixi e todas as vezes que elas o levavam no banheiro ele se sentava no vaso sanitário e fazia suas necessidades fisiológicas – ele inclusive nem queria usar o penico. Como na conversa com as educadoras a mãe não concordou em iniciar o desfralde, as professoras respeitaram e não o realizaram, pois se a parceria entre a família e a escola não iria acontecer, ele seria um trabalho perdido.

Passados 3 meses a mãe procurou as professoras pedindo que começassem o processo de desfralde do seu filho, as mesmas explicaram como seria realizado o treinamento de esfíncter e o processo foi iniciado. Contudo, o que ninguém esperava é que o menino regredisse, não aceitando tirar mais a fralda e nem sentar-se no vaso e no penico. As professoras tiveram que ir trabalhando aos poucos com a criança, por meio de conversas, de leituras de livros e de, até mesmo, exemplos de colegas que já faziam xixi e cocô no vaso ou no penico. Sendo uma situação normal do nosso dia-a-dia, aos poucos ele foi aceitando o vaso e não quis saber de usar o penico. Em casa, a mãe também colaborou com o processo e ao final do ano ele já estava desfraldado, tanto no diurno quanto no noturno. Nos três relatos acima, o diálogo e parceria com as famílias foi primordial para o andamento das ações no processo do desfralde, sendo de grande importância para o resultado. A creche na qual os episódios ocorreram, a maioria das professoras acredita que o melhor momento para se iniciar o desfralde é por volta dos 2 anos de idade porque as crianças dessa faixa etária já costumam estar falando e todas já estão andando. No entanto, quando alguma criança demonstra interesse antes dessa idade, elas proporcionam o momento, levando-a até ao banheiro para o uso do penico. O penico é utilizado antes do vaso, pois acredita-se que ele proporciona mais segurança para a criança, por estar mais próximo ao chão. No decorrer das experiências vividas constatou-se que eles se assustam menos do que quando utilizam o vaso sanitário em primeiro lugar. Além disso, elas podem demonstrar uma maior familiaridade com esse recurso devido ao fato de que talvez esta seja a forma com que os pais começam o processo em casa.

A instituição de ensino tem um papel fundamental de atender aos desejos das crianças, proporcionando vivências lúdicas, através de leituras de livros temáticos, objetos, músicas e brincadeiras.

## CAPÍTULO V – ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

Durante o período do desfralde a criança aprende o treinamento de controlar os esfíncteres, sendo um momento de se autoconhecer e explorar o seu corpo. No começo do processo, a criança confunde o xixi com o cocô, avisa o adulto que fez cocô, mas na verdade é o xixi, sendo corriqueiro até ela conseguir diferenciar um do outro.

O controle esfínteriano constitui-se em um dos marcos do desenvolvimento infantil e um desafio para pais e crianças. É um dos primeiros passos para a criança tornar-se autossuficiente. Todas as crianças irão adquirir este controle, mas a dificuldade em adquiri-lo é uma grande preocupação para pais e causa de conflitos familiares. (MOTTA & BARROS, 2008, p. 10).

O processo de desfralde está relacionado a fatores culturais, econômicos e sociais. Podendo ser precoce ou tardio, o que deve ser analisado se não será estressante para a criança. Em países menos desenvolvidos o treinamento do esfíncter é iniciado precocemente e um dos grandes influenciadores dessa tomada de decisão é a falta de recursos financeiros. Em países com maior poder aquisitivo pode-se perceber que esse processo ocorre quando a criança está um pouco mais velha. No entanto, independentemente de ser precoce ou tardio, deve ser analisado se ele está sendo estressante ou não para a criança.

O livro “Tudo começa na outra vida: a cultura dos recém-nascidos no oeste da África”, da autora Alma Gottlieb (2012), traz em um dos seus capítulos a rotina do banho de bebês em uma aldeia na África. Tahan é mãe de Sassandra, ela acorda às 5 horas da manhã para reacender o fogareiro para esquentar a água para os banhos de sua família. Enquanto seu bebê dorme, ela realiza seus afazeres, indo até a floresta para buscar folhas para purificar e lavar seu filho e água para o uso do dia. Quando Sassandra acorda, sua mãe alarga o tecido (sling) que está em seu corpo e o coloca dentro, para que fique confortavelmente em suas costas. Ela o leva para realizar um enema<sup>4</sup> e ter seu primeiro banho da manhã dentro de uma bacia já preparada com ervas. Enquanto esfrega o corpo do seu bebê, ela pega a seringa de borracha e insere no ânus de Sassandra. Nesse processo, a criança chora e se retorce, evacuando na água. A mãe termina o banho jorrando água com ervas em seu bebê. Após o banho, a mãe faz pinturas e hidratação na pele do seu filho. Depois que termina esse ritual, o bebê pode mamar tranquilamente. Para as mães

---

<sup>4</sup> Segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, enema é uma espécie de borracha usada antigamente para clisteres e lavagens, um medicamento ou alimento que se ministra pelo reto.

de Beng<sup>5</sup>, o filho evacuar nelas ou em suas cuidadoras é visto negativamente, como uma vergonha. Por isso, elas possuem a preocupação de realizar esses rituais corretamente e precocemente - eles começam logo nos primeiros dias de vida, pois as mães necessitam retornar ao trabalho em 2 a 4 meses. Os bebês não utilizam fraldas nessa região, por motivos econômicos - a mãe poderia colocar a fralda de pano, porém seu gasto com sabão para lavá-las também seria inviável.

O tempo de treinamento de esfíncter, depende de alguns fatores, como: o emocional (a criança estar abalada por algum acontecimento em sua vida, como: o nascimento de um irmão, a morte de algum ente querido e próximo, a separação dos pais, entre outros), o sexo, o clima, o psicomotor da criança, a abordagem como é feita com a criança. Esse treinamento somente deve ser iniciado quando as crianças apresentarem algumas habilidades para o controle do seu esfíncter. Se a criança não for respeitada e não estiver preparada para seu treinamento, ela pode desenvolver Síndrome de Disfunção Eliminatória (SDE), com uma disfunção urinária e fecal, pois:

a contração inapropriada dos músculos do assoalho pélvico, quando ocorre de maneira repetida durante o aprendizado esfínteriano, culmina no espessamento dos esfíncteres urinários (NUNES *et al.*, 2017, p. 98).

O texto “Treino de Bacio: estudo observacional numa amostra de crianças saudáveis entre os 18 e os 42 meses”, escrito por Pereira (2015) e publicado por uma revista portuguesa de medicina, aborda o Treino de Bacio (TB) ou o controle de esfíncter, relatando os aspectos socioculturais que o influenciam. A pesquisa cita alguns métodos para esse processo, sendo eles: o passivo/orientado pela criança, o treino num dia, o assistido por cuidadores.

O método passivo/orientado pela criança é quando ela estará preparada para o treino. Ao possuir algumas habilidades, se inicia o TB, oferecendo o bacio (penico ou vaso sanitário) para esse treinamento.

O treino “num dia” é realizado com uma boneca. Coloca-se água no bacio e são dadas as instruções para as crianças. Muitas professoras preferem trabalhar dessa forma, pois as crianças aceitam melhor os penicos oferecidos, pois elas logo querem reproduzir o que a boneca faz. No 2º Episódio do Capítulo IV, no qual relato as minhas experiências de desfralde e uma das abordagens utilizadas para o processo, utilizamos um boneco para

---

<sup>5</sup> Beng: Aldeia, pequeno vilarejo da África.

nos auxiliar, de forma lúdica, na explicação dos procedimentos e para que as crianças compreendessem melhor a forma de utilizar o penico (bacio). Na leitura do texto de Pereira (2015), pude analisar que realizamos um dos métodos mencionados, sem ao menos conhecê-lo teoricamente. Muitas vezes, o profissional realiza uma ação sem ter conhecimento teórico aprofundado.

Já o terceiro método, o assistido por cuidadores, é realizado em alguns países da Europa e da África, assim como em algumas partes da China e da Índia. Nele, os cuidadores observam os sinais que os bebês apresentam antes de realizar a defecação e a urina e, a partir disso, assim que os percebem colocam os bebês sentados no bacio para realizar o treinamento. Nessas localidades, o processo é iniciado precocemente, comparados com a nossa cultura, em que a maioria é desfralda por volta dos 24 meses.

Para Pereira (2015, p. 107), o Treino de Bacio é considerado “como completo quando a criança consegue o controle de esfíncteres diurno e noturno, conseguindo manter-se seca, com no máximo um ou dois acidentes, no período de pelo menos um mês”.

O texto “A percepção dos educadores acerca da disfunção eliminatória”, escrito por Nunes *et al.* (2017), traz uma pesquisa realizada com professores e auxiliares de sala de creche sobre o entendimento a respeito da síndrome de disfunção eliminatória (SDE) e do controle esfincteriano. Segundo os autores,

o controle esfincteriano é um importante marco no desenvolvimento infantil e, para que seja alcançado, não depende somente de treinamento - como acredita a sabedoria popular -, é essencial a integridade das estruturas anatômicas envolvidas neste ato e a habilidade do sistema nervoso em sincronizá-las. (p. 35).

Assim sendo, se o processo for realizado de forma inadequada ou precoce, ele pode desenvolver uma disfunção eliminatória na criança.

A grande frustração e inquietação dos pais, na maioria das vezes, é decorrente das comparações que seus colegas de trabalho e familiares realizam em relação à alguma criança que já realizou o processo. O mesmo acontece em vários aspectos do desenvolvimento da criança (o sentar-se, o engatinhar, o andar, o comer, o dormir, o falar etc.), como se as crianças tivessem um tempo certo e único para conseguirem executar de forma autônoma cada uma dessas ações. A cobrança que a sociedade exerce sobre os pais pode provocar uma maior ansiedade em todos os envolvidos, principalmente se os bebês e as crianças não conseguem atingir as expectativas estabelecidas pelos adultos. Para

Mota & Barros (2008, p. 10) o sucesso no treinamento para o controle de esfíncteres é bom para os pais e para as crianças. A maioria dos pais, mesmo os com melhor nível de informação, apresenta expectativas inadequadas em relação à idade em que o controle esfinteriano é adquirido.

Mota & Barros (2008, p. 12) ainda afirmam que “as meninas geralmente amadurecem mais precocemente que os meninos, principalmente nas habilidades relacionadas à socialização (falar, tirar e colocar roupas, seguir ordens), iniciando e completando o treinamento esfinteriano mais cedo”. Em contrapartida, já tive meninos que desfraldaram primeiro do que as meninas, o que nos mostra que este não é um padrão que pode ser estendido a todas as crianças. Sendo assim, acredito que o fator principal seja o interesse da criança e a participação efetiva da família.

A criança só será considerada desfraldada, quando ela estiver com o controle de esfíncter completo, isto é, ela deve conseguir ir até o vaso sanitário, tirar a sua calça, a sua calcinha ou a sua cueca, realizar suas necessidades fisiológicas e se limpar, não tendo mais nenhum episódio de escape, seja diurno e/ou noturno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desfralde é controverso. Para muitas famílias há dificuldade em reorganizar o espaço e a rotina e em compreender que seu filho está crescendo e precisa de mais autonomia. Em contrapartida, outras famílias preferem adiantar o processo, devido às condições financeiras, para não terem que comprar mais fraldas. Entende-se, portanto, “que o processo do desenvolvimento da criança depende totalmente da ação do adulto e do ambiente em que essa criança está inserida” (MARANHÃO, 2000, p. 119).

No texto “Mães imigrantes na Educação Infantil: a possibilidade de reciprocidade, cidadania, e democracia”, escrito por Vandembroeck & Roets (2013), é relatado a situação em que uma mãe pede para as professoras colocarem sua filha de oito meses no penico e a creche se posiciona contra. Para a mãe só existe sua filha ali e ela se esquece que sua filha está inserida em um espaço coletivo e que é muito nova para iniciar o processo de desfralde. Aos oito meses, em muitos casos, a criança acaba de aprender a sentar-se sozinha e ainda precisa treinar o seu equilíbrio corporal. Esses casos ocorrem diariamente independente do país de origem. Assim como descrito pelos autores acima citados, também foi possível perceber, no decorrer de minha experiência profissional, que muitos pais possuem a visão equivocada de que apenas os seus filhos estão presentes no espaço educativo, chegando a desconsiderar e desrespeitar os saberes pedagógicos do professor em detrimento do que acham que seja o melhor para seus filhos.

Para o processo de desfralde é necessário que não apenas a criança esteja preparada, mas também a família. Como a criança pode acabar absorvendo as inseguranças do adulto, isso pode acabar interferindo negativamente todo o processo.

A partir das minhas poucas experiências docentes e das pesquisas apresentadas ao longo deste trabalho, podemos concluir que a faixa etária correta para iniciar o processo de desfralde depende muito dos fatores econômicos, sociais e culturais do meio em que a criança vive. Desde que as especificidades e os interesses de cada criança sejam contemplados, a retirada de fraldas pode ser realizada em qualquer período da sua vida, não existindo uma faixa etária fechada. Para isso, os adultos responsáveis pela criança, seja no ambiente familiar ou seja no escolar, devem estar atentos aos sinais que ela demonstra, sempre orientando-a de maneira respeitosa e lúdica, para que este não seja um momento traumático. Eles podem utilizar-se de estratégias como leituras de histórias e dramatizações com bonecos para ensinar e instruir sobre a forma mais adequada de realizar suas necessidades fisiológicas no penico ou no vaso sanitário – a criança deve escolher a opção na qual ela se sinta mais confortável. Sendo assim, a instituição de ensino

e a família precisam ser parceiras para que a criança se desenvolva da melhor maneira possível e realize o seu desfralde com qualidade e segurança.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é a Base. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 16 de Ago. de 2019.
- \_\_\_\_\_. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2010.
- DEDIC. **Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <<http://www.dgrh.unicamp.br/dedic>>. Acesso em 19 de Set. de 2019.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa.** 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GENECHTEN, Guido Van. **O que tem dentro da sua fralda?** Tradução de Vânia Maria A. de Lange. 2ª ed. São Paulo: Editora Brinque Book, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Um presente incrível.** Tradução de Camila Werner. 1ª ed. São Paulo: Editora Brinque Book, 2015.
- GOTTLIEB, Alma. **Tudo começa na outra vida:** a cultura dos recém-nascidos no oeste da África. Tradução de Mara Sobreira. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.
- KEMMIS, S.; MCTAGGART, R. **Como planificar la investigación-acción.** Barcelona: Editorial Alertes, 1988.
- KUDE, Vera M. M. Qualidade do atendimento na Educação Infantil: um estudo em duas culturas. **Educação.** Porto Alegre – RS. Ano XXVII, n. 2 (53), p. 319-348, Mai./Ago. 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25532409.pdf>. Acesso em: 04 de set. de 2019.
- MARANHÃO, Damaris G. O cuidado como elo entre saúde e educação. Universidade Santo Amaro. **Cadernos de Pesquisa.** nº 111, São Paulo, Dez. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-1574200000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-1574200000300006)>. Acesso em: 15 de Set. de 2019.
- MARINARO, Mari. **O fim das fraldas.** Entrevista de Mariana Cordeiro Alves Franco. Disponível em:<<http://criaqueofilhoeteu.com.br/o-fim-das-fraldas/>>. Acesso em: 29 de set. de 2019.
- MOTA, Denise M.; BARROS, Aluísio J. D. Treinamento esfinteriano: métodos, expectativas dos pais e morbidades associadas. **Jornal de Pediatria.** Vol. 4. nº 1. Porto Alegre: Jan./Fev. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572008000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572008000100004)>. Acesso em: 12 de Set. de 2019.
- NÓVOA, Antonio. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Universidade de Lisboa, Lisboa-Portugal. **Revista de Educacion.** Set./Dez. 2009. p. 205-218. Disponível em: <[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)>. Acesso em: 19 de set. de 2019.
- NUNES, Gabriela de C.; ARAÚJO, Edvard José; COLOMBELLI, Eliete Magda; SOUZA, José Antonio de. A percepção dos educadores acerca da disfunção eliminatória. **Residência Pediátrica.** Ano 2017. Volume 7. nº3. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://residenciapediatrica.com.br/detalhes/297/a-percepcao-dos-educadores-acerca-da-disfuncao-eliminatória>>. Acesso em: 20 de Set. de 2019.
- PEREIRA, Angela, Treino de bacio: estudo observacional numa amostra de crianças saudáveis entre os 18 e os 42 meses. Estudos originais, Braga, Portugal. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Famílias** (online). Volume 31. nº2. p. 105-115. 2010. Disponível em:<

s0cielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\_abstract&pid=S2182-1732015000200005&lng=pt&nrm=iso0>. Acesso em: 15 de set. de 2019.

VANDENBROECK, Michel; ROETS, Griet. Mães imigrantes na educação infantil: a possibilidade de reciprocidade, cidadania e democracia. *In*: ABRAMOWICZ, Anete; VANDERBROCK, Michele (orgs). **Educação infantil e diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.